

Caça a cabo eleitoral agita campanha

Arquivo

Andrei Meireles

“Nesta eleição, o apoio das lideranças políticas, mesmo o dos governadores, não vale nada”, diz, com convicção, o deputado Maurílio Ferreira Lima, do PMDB de Pernambuco. Os presidenciáveis, porém, continuam disputando intensamente o apoio dos desgastados políticos, inclusive os que fazem campanha combatendo-os. Para governadores, deputados e senadores, o que pesa na hora da definição não são as afinidades ideológicas, mas principalmente a relação dos candidatos com seus adversários nos Estados.

O PMDB e o PFL, cujos candidatos capengam nas pesquisas eleitorais, continuam sendo os partidos que mais têm políticos com mandato no País. E seus integrantes não querem sair marginalizados da sucessão presidencial: daí a frenética busca de alternativas viáveis para o primeiro e o segundo turno da eleição para a Presidência da República.

O governador Moreira Franco, do Rio de Janeiro, é um deles. Formalmente, está engajado na campanha do deputado Ulysses Guimarães (PMDB), mas seus maior receio é a vitória do ex-governador Leonel Brizola, com quem disputa o comando político-eleitoral de seu Estado. No Rio de Janeiro, o PFL, aliado de Moreira Franco, procurou assumir a campanha do ex-governador Fernando Collor de Mello, mas, aos poucos, o governador tem transferido prefeitos e políticos de seu próprio esquema político para o candidato do PRN. Numa eventual disputa no segundo turno entre Brizola e Collor, Moreira, por questões regionais, não terá dúvida alguma: fica com Collor, a quem já está ajudando desde o primeiro turno.

Covas

No Rio Grande do Sul, onde Brizola também é forte eleitoralmente e Ferrenho adversário político do governador Pedro Simon (PMDB), a situação é parecida, mas tem ingredientes diferentes. O esquema de Collor no Estado é comandado pelo senador Carlos

Chiarelli (PFL), com quem Simon também não se entende. Para o PMDB do Rio Grande do Sul, o ideal, na hipótese de Ulysses não ir ao segundo turno, é que o senador Mário Covas chegue.

Covas é uma alternativa para o PMDB gaúcho, mas não o é para o do Paraná. O governador Alvaro Dias (PMDB) não se sente em condições de apoiar um candidato cuja campanha é coordenada pelo senador José Richa. Brizola poderia ser uma opção, mas o coordenador da campanha do PDT no Estado é o prefeito Jaime Lerner, aliado dos adversários de Dias no Paraná. Collor poderia ser o mal menor, mas o apoio dado a sua candidatura pelo banqueiro José Eduardo Vieira, presidente do Bamerindus, que também se opõe a Dias, praticamente fechou as portas para o governador. Com alternativas limitadas, Alvaro Dias passou a ser cortejado pelo deputado Afif Domingos, mas terá dificuldades para levar junto o PMDB paranaense, onde a esquerda é forte.

Em Santa Catarina, as candidaturas Afif e Collor têm o apoio do PFL e do PDS. Os dois partidos devem se unir no segundo turno. O PMDB é o outro partido forte no Estado e ficará com qualquer alternativa mais à esquerda, inclusive a de Brizola, com fraca estrutura partidária, mas bom potencial eleitoral em Santa Catarina. No momento, o PMDB do Estado está empenhado na campanha de Ulysses.

Quércia

Em São Paulo, o PMDB comandado pelo governador Orestes Quércia tem Brizola como principal alternativa a Ulysses, especialmente pelo fato de o candidato do PDT não dispor de estrutura partidária no Estado. Vários dos principais candidatos presidenciais disputam com Quércia o comando político de São Paulo — Covas, Paulo Maluf, Afif Domingos e o deputado Luiz Inácio Lula da Silva.

A vitória de qualquer um deles poderia comprometer o projeto político de Quércia de eleger seu sucessor em 90, ganhando cacife eleitoral para pleitear em 94 a Presidência da República.



Cortejado por Afif, Dias dificilmente conseguirá o apoio do PMDB para o candidato do PL